**- *A* *PALAVRA, Refletida* ao ritmo Litúrgico -**

*(Ciclo A – Domingo 24 -Tempo Com.)*

 **A «INCOERÊNCIA» E O «70 x 7»**

Muitíssima gente sabe – e até muitos que não são cristãos – aquele “pedido” do *Pai-nosso*: *«Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido» (Mt 6, 12)*. É verdade que não fomos nós a *inventar* esta *súplica*, mas o próprio Filho, Jesus, para nos ensinar como é que devemos orar e pedir ao nosso Pai Deus. Duvido que alguma pessoa normal, de si e para si, tivesse a ousadia de formular esta petição tendo presente o *motivo e justificação,* bem patente *na sua segunda parte.* Mesmo assim, o atrevimento – e talvez a “inconsciência” – persiste quando tão frequentemente utilizamos esta *proclamação* (pelo menos, sempre que rezamos o *Pai-nosso*) sem pensarmos francamente o que essas palavras significam realmente.

Há, no entanto, outra coisa que ainda impressiona mais. É que, esta “revelação” de Jesus, já tinha sido “inspirada” pelo mesmo Deus, ainda no Antigo Testamento, uns três séculos atrás, através do autor daquele precioso *livro Sapiencial*, conhecido como *Ben Sira* ou *Sirácide,* quem, aliás, tem a *intuição* de explicar o “seu conselho” com uma *lógica meridiana*: *“Perdoa a ofensa do teu próximo e, quando o pedires, as tuas ofensas serão perdoadas. Um homem guarda rancor contra outro e pede a Deus que o cure? Não tem compaixão do seu semelhante e pede perdão para os seus próprios pecados? Se ele, que é um ser de carne, guarda rancor, quem lhe alcançará o perdão das suas faltas?” (Sr 28 / 1ª L.).* Vê-se, pois, nesta lógica argumental a mais *perfeita coerência*!... Mas o que é que nós fazemos quando, sem nos perguntarmos a nós mesmos *se já temos perdoado o nosso próximo*, ***nos atrevemos a dizer*** *(curiosamente são estas as palavras com que nos animam a rezar)* o ***Pai-nosso***? Ou será que, assim, teremos ainda de pedir perdão por mais este pecado de “flagrante incoerência”? …

Por seu lado, Jesus, vai utilizar o seu “divino carisma” de *contador de parábolas* para tentar convencer-nos de que, se não estivermos atentos à nossa sinceridade, podemos até ficar muito mal diante dos outros irmãos. É que a “distância” entre a magnitude ou valor da “dívida perdoada” pelo Senhor e “a dívida” que nós *teimamos em* *não perdoar* ao nosso semelhante é tal, que a nossa *cegueira (in)voluntária* nos deixará profundamente envergonhados e humilhados: *“Então, o senhor (*da parábola*) mandou-o chamar e disse: ‘Servo mau, perdoei-te tudo o que me devias, porque mo pediste. Não devias, também tu, compadecer-te do teu companheiro, como eu tive compaixão de ti?’. E o senhor, indignado, entregou-o aos verdugos, até que pagasse tudo o que lhe devia” (Mt 18 / 3ª L.).* Porque o Pai de Jesus não quer – e Ele também não – ter de tratar os seus filhos como aquele “senhor” teve de proceder com o seu “servo mau”. Caso contrário, seria assim tratado pelo Pai celeste *“aquele que não perdoar a seu irmão de todo o coração” (Mt 18).*

E coitados de nós se, além disso, andamos a medir e calcular – com aquela *matemática ruim* dos «70 x 7» – quantas vezes e até que ponto devemos, ou não, perdoar o nosso irmão! Agindo deste modo juntaríamos à nossa *incoerência…* uma grande dose de *ruindade*! O que Deus não permita!

Porém, não se trata só de *evitar o negativo*. Ficaríamos assim muito aquém do que se exige a pessoas que, além do mais, foram sempre envolvidas com um Amor tão infinito e são objeto de uma imensa generosidade. Então, a um *Amor Generoso* corresponde um *amor não menos generoso*: pois Quem se entregou, sem medida e até ao fim, requer uma correspondência semelhante, “coerente”, com todas as consequências, como nos lembra Paulo na sua carta aos romanos. Este apóstolo, com essa liberdade e radicalidade que o carateriza, traça-nos hoje, para a nossa vida cristã, umas *coordenadas* perfeitamente coerentes. A partir de agora, não tem já sentido vivermos (ou morrermos) para nós e a pensar só em nós: *“Irmãos, nenhum de nós vive para si mesmo e nenhum de nós morre para si mesmo”.* De tal modo que a conclusão, coerente com todo o anterior, está bem clara: É em função d’Ele, do Senhor Jesus, que tudo tem sentido, nesta *dialética* do Amor: *“Se vivemos, vivemos para o Senhor, e se morremos, morremos para o Senhor. Portanto, quer na vida quer na morte, pertencemos ao Senhor” (Rm 14 / 2ª L.).*

Porque Tu és clemente e compassivo,

paciente e cheio de bondade, Senhor,

prometo não esquecer os Teus benefícios…

Porque Tu perdoas todos os meus pecados

e és capaz de curar todas as doenças do meu coração,

– tantas vezes egoísta e mesquinho

e tantas outras incoerente e ruim –

que não é capaz de perdoar mas quer ser perdoado…

Porque Tu, ó Pai nosso, não és como nós:

Tu salvas da morte a nossa vida,

nos envolves da Tua graça e misericórdia

e nos perdoas sempre sem condições…

Verdadeiramente é grande a Tua misericórdia,

tão grande como a distância da terra aos céus,

como o Oriente dista do Ocidente…

Com o teu perdão generoso e compassivo

afastas de nós, a uma distância infinita,

os nossos pecados de egoísmo e de incoerência…

Quero que a minha alma Te bendiga, ó Senhor,

e que todo o meu ser bendiga o Teu nome santo:

Portanto, bendiz, ó minha alma, o Senhor

e não esqueças nenhum dos seus benefícios!

[ do Salmo Responsorial / 102 (103) ]